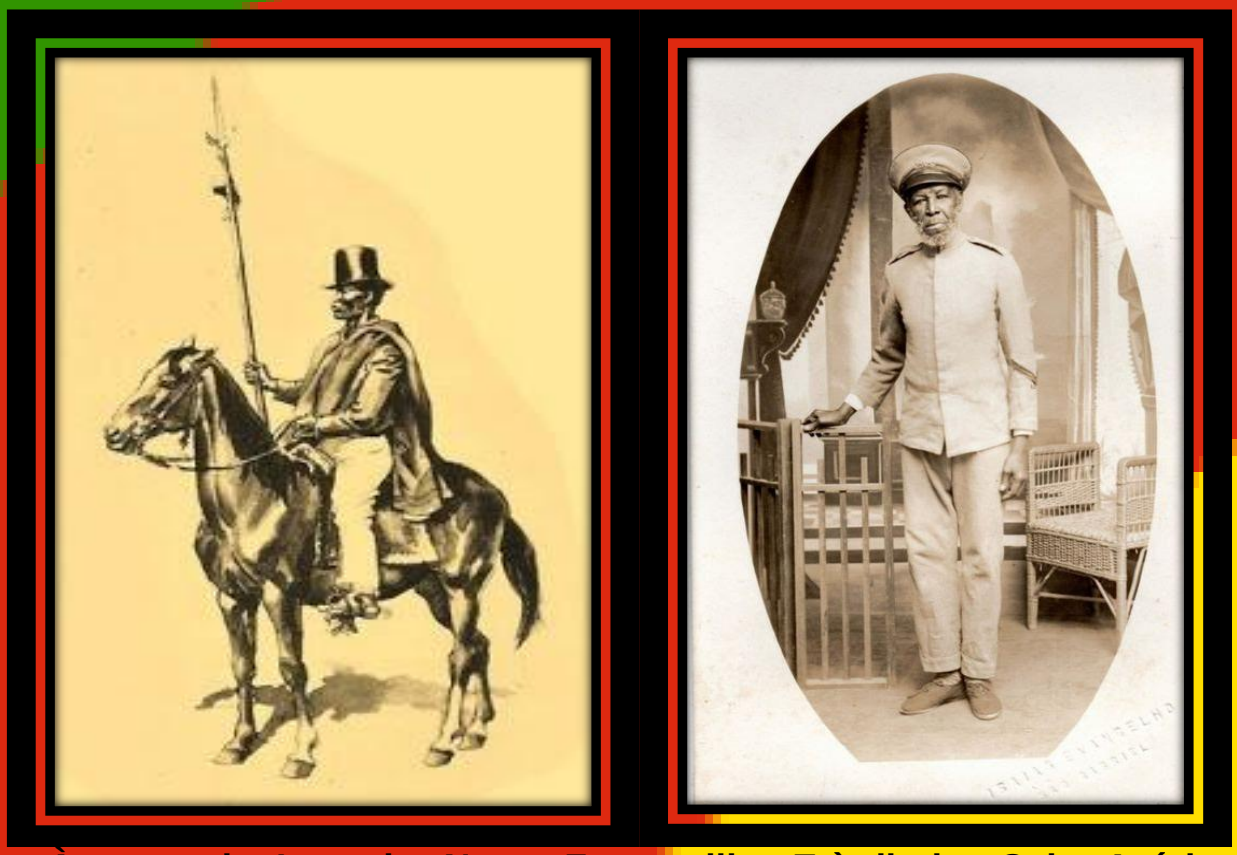
OS CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS HISTÓRIA

Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento
Presidente emérito e fundador do Instituto de História e Tradições do RGS



À esquerda, Lanceiro Negro Farroupilha. E à direita, Cabo Anísio Manoel de Souza, soldado do Exército com 123 anos, provável ex-lanceiro negro, conforme sua História abordada neste texto.

LIVRO DIGITAL

Capa de Camila Karen C.S Renê, tendo por fundo as cores do Rio Grande do Sul e por margens a cor azul turquesa,da Arma de Engenharia, que o autor integra desde 1953.

Sumário

CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS
-Efetivo total do Exército da Repúblca Rio-Grandense p. 3
- Organização dos Corpos de Lanceiros Negros p.3
- Os Oficiais do Corpo de Lanceiros Negros p.4
-O Corpo de Lanceiros Negros em Campo do Menezes p.5
-Segundo depoimento de testemunha dos acontecimentos p.6
-Recrutamento dos Lanceiros Negros p.7
-Armamento individual dos Lanceiros Negros p.7
-Rusticidade e obediência dos Lanceiros Negros p.7
-Vestuário ou uniforme dos Lanceiros Negros p.8
- Lanceiros Negros salvaram a Revolução Farroupilha p.10
- Cabo Manoel de Souza,provável ex-lanceiro negro considerado o soldado mais velho doExército, veterano da Guerra doParaguai, se recusou a se aposentar e serviu até os 113 anos p. 13
- Coronel JoaquimTeixeira Nunes,o filho de Canguçu-rs e patrono de cadeira na Academia Canguçuense de História ACANDHIS, considerado a maior lança farroupilha pelo General AugustoTasso Fragoso em seu livro Revolução Farroupilha p.14
- O combate de Porongos – um assunto que já havia transitado em julgado no Tribunal da História da Revolução Farroupilha p. 25
- Meu trabalho sobre o exercito e a abolição premiado em 1º lugar em concurso da bibliex no centenário da abolição p.31
- Os soldados negros farrapos na surpresa de porongos e no convênio de ponche verde p.40
- Curriculo cultural sintético do Cel Claudio Moreira Bento p.49
- Curriculo de Camila Karen C. S. Renê autora da Capa p.51

CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS
Organização militar da República Rio-Grandense

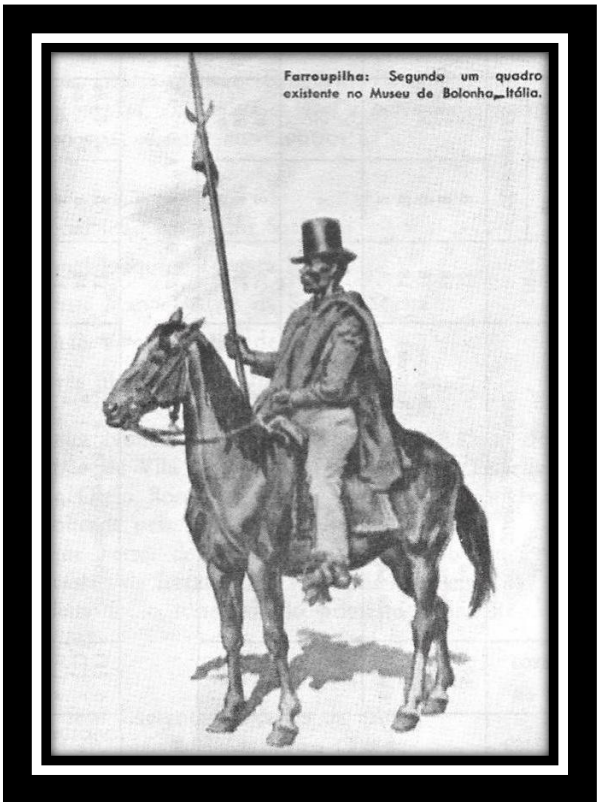
EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE

Os farroupilhas possuíram um efetivo militar de 9.372 homens, assim repartidos:

4.296 homens de I^{a} linha

5.076 homens da Guarda Nacional

Este efetivo distribuía-se por diversos corpos, conforme quadro que publicamos neste trabalho.



Farroupilha, segundo quadro existente no Museu de Bolomba – Itália. Representa um dos célebres lanceiros negros farroupilhas que companharam Garibaldi e Rosseti no retorno de Santa Catarina, após o malogro da República Juliana. (Fonte: Atlas Histórico e Geográfico de MEC).

ORGANIZAÇÃO DOS CORPOS DE LANCEIROS NEGROS

Os dois corpos de lanceiros eram constituídos, basicamente, de negros livres ou libertos pela República Rio-Grandense, enquadrados por valorosos oficiais brancos.

Possuíam 8 companhias a 51 homens cada, totalizando 426 lanceiros. Tornou-se célebre o **1º Corpo de Lanceiros Negros** organizado e instruído, inicialmente, pelo coronel Joaquim Pedro Soares, antigo capitão do Exército Imperial, que se destacara nas guerras platinas e em Portugal contra Napoleão. Ao final da Revolução ele foi preso em Canguçu, na cadeia construída por Chico Pedro ironicamente "como uma "casa de hospedes para os farroupilhas". E junto com ele Domingos José de Almeida e o Coronel José Mariano de Mattos. Conheci esta cadeia que foi demolida por volta de 1942 e construída outra em seu local..

Secundou o coronel Joaquim Pedro, nesta tarefa, o canguçuense major Joaquim Teixeira Nunes, veterano e com ação destacada na Guerra Cisplatina.

Este bravo, à frente deste **Corpo de Lanceiros Negros**, libertos, prestaria relevantes serviços militares à República Rio-Gradense.

O 1º Corpo foi recrutado, principalmente, entre os negros do então município de Piratini (atuais Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Herval do Sul, Bagé, até o Pirai e parte de Arroio Grande) e das Charqueadas de Pelotas.

OS OFICIAS DOS CORPOS DE LANCEIROS NEGROS

Foram seus oficiais, entre outros:
Coronel Joaquim Pedro Soares
Coronel Joaquim Teixeira Nunes
Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira
Capitão Vicente Ferrer de Almeida

Os três últimos foram ligados a Canguçu.

Teixeira Nunes nasceu próximo à atual cidade de Canguçu. Caldeira era da região de Vila Freire e foi o biógrafo de Teixeira Nunes, conforme revelação de Otelo Rosa, em **Vultos Farroupilhas**, ao basear-se em carta deste bravo, publicada pela ***Revista do IHGRGS*** - 1927.

Vicente Ferrer de Almeida foi o primeiro funcionário público de Canguçu, por ocasião da instalação deste município, em 1857.

Caldeira foi o fundador do primeiro Clube Republicano de Canguçu, em 1884.

Cap. Marcos d'Azambuja Cidade
1º Ten. Antônio José Coritiba
2º Ten. Caetano Gonçalves da Silva.
2º Ten. Ezequiel Antônio da Silva
2° Ten. Antônio José Pereira (69)

EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE

FONTE: O POVO de 23 de outubro de 1839 (Pág 471 da coleção O POVO referido na bibliografia)

ESPECIE	Nº DE CORPOS	UNIDADES DE 1ª LINHA E TIPOS DE CORPOS DA GUARDA NACIONAL	OFICIAIS	Nº DE COMPANHIAS	Nº DE HOMENS POR COMPANHIAS	EFETIVO TOTAL	TOTAL POR ARMA
1ª LINHA	1º	Corpo de Cavalaria	18	8	51	426	
	2º	Corpo de Cavalaria	18	8	51	426	
	1º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	51	426	CAVALARIA 1827
	2º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	-	426	
	Esqd	de SÃO LEOPOLDO	-	2	-	123	
	1º	Corpo de Artilharia	18	4	51	222	ARTILHARIA 222
	1º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	
	2º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	INFANTARIA 2247
	3º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	

TOTAL DA TROPA DE 1ª LINHA: 4.296 homens.

GUARDA NACIONAL	5 (1)	Corpos de Cavalaria GU	11	8	40 Cias	403	Total destes 5 corpos - 2418
	7 (2)	" " "	11	6	45 Cias	305	Total destes 7 corpos - 1830
	4 (3)	" " "	11	4	16 Cias	207	Total destes 4 corpos - 828

TOTAL DA TROPA DA GUARDA NACIONAL : 5.076
TOTAL DO EXÉRCITO FARROUPILHA: 9.372

OBSERVAÇÕES:
(1) Correspondem aos 5 Corpos de Cavalaria de TRIUNFO, CACHOEIRA, RIO PARDO, S.ANTONIO E (VIAMÃO)
(2) Correspondem aos 7 Corpos DE PIRATINI, CANGUÇU, PELOTAS, CAÇAPAVA, ALEGRETE, SÃO BORJA e CRUZ ALTA
(3) Correspondem aos 4 Corpos de JAGUARÃO, {ENCRUZILHADA, TAPES (Dores), CAMAQUÃ (São João),} ESTREITO e VACARIA

Neste quadro entre os 4 Corpos de Cavalaria, a metades era de Lanceiros Negros

O CORPO DE LANCEIROS NEGROS EM CAMPO DO MENEZES

O 1º Corpo de Lanceiros Negros, ao comando do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e subcomandado pelo então major Teixeira Nunes, teve atuação decisiva na batalha de Seival, de 11 de setembro de 1836.

"Joaquim Pedro Soares... foi o organizador e instrutor do famoso Iº Corpo de Lanceiros Farroupilhas. Escravos

libertos pela República para lutarem por suas liberdades.

As tropas para o combate de Seival foram dispostas por Joaquim Pedro, na qualidade de imediato de Antônio Neto.

Deixou um esquadrão em reserva que fez operar em momento oportuno, decidindo a sorte da luta.

Segundo Souza Docca, coube a este bravo e a Manoel Lucas de Oliveira convencerem Antônio Neto da proclamação da República Rio-Grandense, bem como "a grande satisfação de ler, a 11, no campo do Menezes, a frente da garbosa tropa por ele instruída, a Proclamação da República Rio-Grandense. "

SEGUNDO DEPOIMENTO DE TESTEMUNHA DOS ACONTECIMENTOS:

"Em 6 de novembro de 1836, menos de dois meses após Seival, Teixeira Nunes era major do Corpo de Lanceiros Negros, a esse tempo comandados pelo Ten. Cel. Joaquim Pedro Soares.

A testemunha referiu-se a Corpo e não a I^{o} Corpo, pois o 2° ainda não havia sido criado.

Participaram do combate do Seival 430 homens, e o efetivo de um Corpo de Lanceiros Negros era de 426 homens a oito companhias.

Este corpo teve suas origens na Legião de Guardas Nacionais do Termo do Piratini, criado por Carta de 14 out 1835. Era composto de dois esquadrões ou quatro companhias (duas companhias por esquadrão).

Um dos esquadrões possuía uma campanhia em Canguçu e outra em Vila Freire.

O outro esquadrão, duas companhias sediadas nos I^{o} e 2^{o} distritos de Bagé. Acreditamos que com o prosseguimento da luta, este corpo da Guarda Nacinal transformou-se na **Brigada Ligeira de Antônio Neto** apoiada em Seival pelo Corpo de Lanceiros negros farroupilhas. Pois ainda não havia sido formado o 2º Corpo.

Isto, assim provado, evidencia a grande contribuição do gaúcho negro e mulato para a vitória de Seival e para a

proclamação da República Rio-Grandense, onde buscam inspiração as mais caras e legítimas tradições políticas e militares do povo gaúcho. República que informou no gaúcho histórico do Rio Grande do Sul duas características sociológicas excelsas: **Firmeza e Doçura**. **Firmza** no Combate. Ou seja, combater com todo o empenho e garra. **Docura** apos o combate traduzida em respeito como religião a vida, a propriedade, a família do inimigo vencido e inerme. Virtudes que foram traduzidas por dois amores perfeitos colocados na Bandeira da República Rio Grandense, a qual adotada pelo Rio Grande do Sul foram substituídas por dois triângulos conforme demonstro em meu livro Autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul, disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google

RECRUTAMENTO DOS LANCEIROS NEGROS

O Corpo de Lanceiros Negros era integrado por negros livres ou libertados pela Revolução e, após, pela República, com a condição de lutarem como soldados pela caus,.

Recorde-se que Artigas havia usado o mesmo expediente. **Os lanceiros negros,** em sua grande maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores da atual Zona Sul do Estado e nestas funções amavam a liberdade, acostumados que estavam a movimentar-se dentro da amplidão dos horizontes da terra gaúcha, nas lides pecuárias.

ARMAMENTO INDIVIDUAL DOS LANCEIROS NEGROS

Excelentes combatentes de Cavalaria, entregavam-se ao combate com grande denodo, por saberem, como verdadeiros filhos da liberdade, que esta, para si, seus irmãos de cor e libertados, estaria em jogo em cada combate.

Manejavam com grande habilidade suas armas prediletas - as lanças. Estas, por eles usadas, eram mais longas do que o comum.

Combinada esta característica, com instrução para o combate e disposição para a luta, foram usados como tropas

de choque, uso hoje reservado às formações de blindados.

Por tudo isto infundiam grande terror aos adversários.

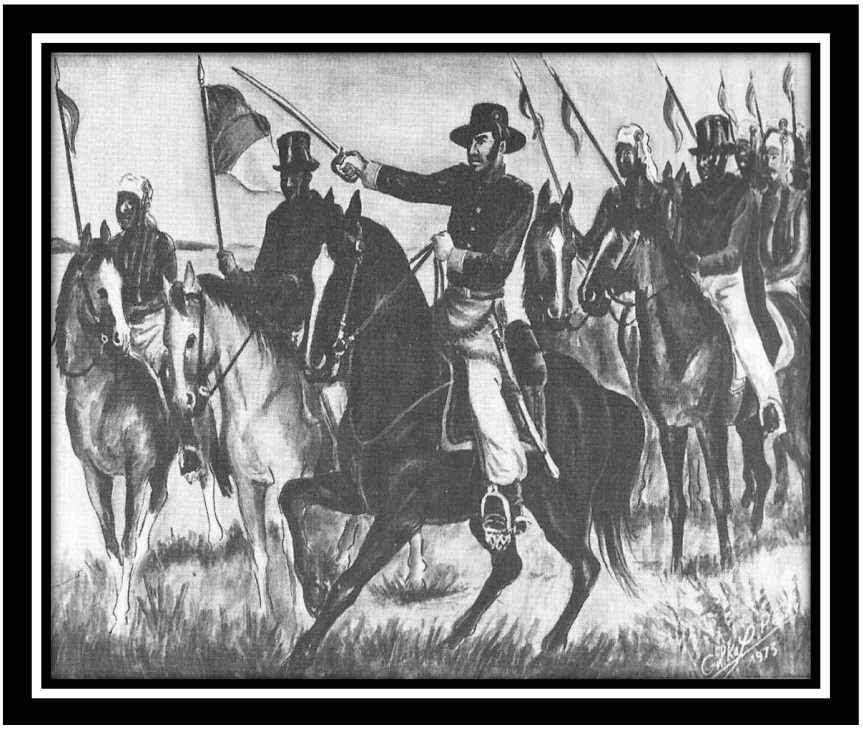
RUSTICIDADE E OBEDIÊNCIA DOS LANCEIROS NEGROS

Eram rústicos e disciplinados. Faziam a guerra à base de recursos locais. Comiam se houvesse alimento e dormiam em qualquer local, tendo como teto o firmamento do Rio Grande do Sul.

A maioria montava a cavalo quase em pêlo.

VESTUÁRIO OU UNIFORME

Seu vestuário era constituído de sandálias de couro *crú*, chiripá de pano grosseiro, um colete recobrindo o tronco e na cabeça uma VINCHA TRICOLOR com as cores da República (verde-vermelho-amarela).



Alegoria do Ten. Cel. Joaquim Teixeira Nunes e seu Corpo de Lanceiros Negros. Feito por Clka Silva com orientação do autor, para a Comissão de História do Exercito. Alegoria que publiquei em meu livro O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul, premiado em 1º lugar em concurso nacional e disponível no Google. Seus membros conquistaram a Liberdade, lutando pela República Rio-Grandense nos campos de batalha. O

Império, por decisão do Barão de Caxias, respeitou suas liberdades pela cláusula IV da Paz de Ponche Verde.

"São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à república". (Fonte: CDOCEx – Arquivo Iconográfico-estudo).

Como esporas utilizavam uma forquilha de madeira presa ao pé com tiras de couro cru. Esta forquilha acomodava-se ao calcanhar e possuía a ponta bem afiada.

Muitos usavam calças, cartola e chilenas (esporas), como o imortalizado em pintura no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no **Atlas Histórico e Geográfico do MEC -1966** e aqui reapresentado.

Eram armados também com adaga ou facão e, em certos casos, algumas armas de fogo, distribuídas entre os melhores atiradores do Corpo e para apoio de fogo em determinadas ocasiões.

Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comuns na História Militar dos povos.

Os seus grosseiros ponchos de lã - **bicharás***,* serviram-lhes de cama, cobertor e proteção ao frio e à chuva.

Quando em combate a cavalo, enrolado no braço esquerdo, o poncho servia- lhes para amortecer ou desviar um lançaço ou um golpe de espada.

No corpo a corpo desmontado, servia para aparar ou desviar um golpe de adaga, em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do **jogo do talho***,* nome dado pelo gaúcho à esgrima simulada com faca, adaga ou facão. Eram habilíssimos no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance de sua lança, quer em fuga, quer manobrando para obter melhor posição tática.

Parte do 1º Corpo de Lanceiros Negros participou da expedição a Laguna, ao comando de Davi Canabarro, que teve como comandante de vanguarda o tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes. É bastante conhecido, na **História da Revolução Farroupilha**, o fato de que estes dois célebres, valorosos e intrépidos chefes e combatentes

possuíam em suas forças lanceiros negros.A retirada dos farroupilhas de Laguna para o Rio Grande do Sul, através de Lajes e Vacaria, contou com a presença de Teixeira Nunes, Garibaldi, Rosseti e Anita, e foi assegurada por muitos valorosos lanceiros negros.

Foi por certo lembrando Teixeira Nunes e seus bravos lanceiros negros, que o acompanharam na expedição a Laguna, que Garibaldi escreveu:

“Eu vi batalhas mais disputadas mas nunca e em nenhume parte, homens mais valentes nem lanceiros mais brilhantes do que os da Cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada dos povos."

Deve-se por certo presumo a Garibaldi, no Museu de Bolonha, Itália, o quadro intitulado **Farroupilha,** que fixa e imortaliza um lanceiro negro da República Rio-Grandense.

Quando irrompeu a Revolução Farroupilha, no mesmo dia, em São Leopoldo, o Dr. Hillebrand lançou a seguinte proclamação:

"Convidado insistentemente pelo Presidente da Província, e autorizado pelo Juiz de Paz deste Distrito, passo a comunicar aos meus patrícios alemães que um partido, **pela maior parte composto de negros e índios**, está ameaçando as autoridades desta Província".

Esta proclamação difundida na Alemanha, segundo Walter Spalding, deu a impressão de que a "Revolução Farroupilha era uma violenta rebelião de negros e índios, ou racial".

LANCEIROS NEGROS SALVARAM A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Na Surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os Lanceiros Negros de Teixeira Nunes salvaram a Revolução Farroupilha do desastre total.

Pelo modo como combateram, salvaram Canabarro, e grande parte das tropas e tornaram possível a negociação de uma paz honrosa, como e foi a de Ponche Verde,(em

realidade Paz de D.Pedrito) e a liberdade para todos os negros e mulatos que lutaram pela República.

Ao final do combate o campo de Batalha de Potongos ficou juncado de 100 mortos farroupilhas.

Dentre eles, 80 eram dos bravos lanceiros negros de Teixeira Nunes. (Assim escreveu Canabarro Reichardt sobre a Surpresa de Porongos de 14 nov 1844.

"A situação é terrível. Os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira, *o* **Bravo dos bravos,** cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reúne os seus lanceiros negros.

O 4º Regimento de Linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos.

Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada é também repelida. É este o sinal da debandada geral.

Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo.

Nada os contêm e o exército, como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda os que querem lutar.

Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava à arma branca.

Tombam os lanceiros negros de Teixeira Nunes, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo".

Esta descrição do sacrifício dos LANCEIROS NEGROS para salvar ao máximo o Exército, o ideário da República Rio-Grandense, é comovente e deve emocionar todo o filho do Rio Grande do Sul, justificando uma homenagem póstuma, ainda que tardia, do Governo e Povo do Rio Grande do Sul.

Seria de erigir na praça da Matriz em Porto Alegre, o mais próximo possível dos Palácios Piratini e Farroupilha, uma estátua ao **Lanceiro Negro Farroupilha***,* o gaúcho filho da Liberdade, por sua contribuição, como valoroso soldado, para a evolução social e política do Brasil, com reflexos na conquista dos objetivos Nacionais Permanentes de Democracia (República) e Paz Social.

E. o melhor e mais autêntico modelo seria o do quadro existente no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no **Atlas Histórico e Geográfico do MEC** e neste trabalho com outros detalhes históricos de alto significado simbólico.

Em 28 de novembro de 1844, Teixeira Nunes e remanescentes de seu legendário **Corpo de Lanceiros Negros** travaram o último combate da Revolução em terras do Rio Grande do Sul.

A morte de Teixeira Nunes foi assim comunicada pelo Barão de Caxias, em ofício:

"Posso assegurar a V. Exa. que o coronel Teixeira Nunes foi batido no campo de combate, deixando dois tenentes prisioneiros e 8 praças de pré, e que toda a partida que constava de mais de 100 homens foi completamente dispersa, deixando o campo, por espaço de duas léguas, juncado de cadáveres".

Eram seguramente de lanceiros negros.

Teixeira Nunes foi um dos maiores lanceiros de seu tempo, e como uma ironia do destino caiu mortalmente ferido por uma lança manejada pelo braço vigoroso do alferes Manduca Rodrigues.

Segundo Dante de Laytano "sua morte foi sentidíssima".

Dos lanceiros negros acreditamos tenham restado mais de 120, que após a paz de Ponche Verde (em realidade Paz de D.Pedrito) foram mandados pelo Barão de Caxias ficarem adidos aos três Regimentos de Cavalaria de Linha da Província. Circuntância que consagrou o Duque de Caxias pioneiro abolicionista 40 antes da Lei Aurea em 1888

Dentre em breve iriam lutar no Uruguai e na Argentina na Guerra contra Oribe e Rosas, em pela Integridade e Soberania brasileiras no Sul, ameaçadas por caudilhos platinos.

Fontes consultadas:

BENTO. Claudio Moreira Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de Memoria comunitária 2ed 2007, p.200

_____.O Negro e descendentes na Sociedade do Rio

Grande do Sul.Disponível no Google.

_____. A Grande Festa dos Lanceiros. Recife: UFPE, 1971 p. 35/39 disponível no Google.

_____.O Exercito Farrapo e os seus chefes . Rio de Janeiro:BIBLIEx,1992.2v.Disponível no Google.

FRAGOSO, Augusto Tasso, Revolução Farroupilha. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1939

GOOGLE Cabo Manoel de Souza que serviu ate os 113 anos.

CABO MANOEL DE SOUZA CONSIDERADO O SOLDADO MAIS VELHO DO EXÉRCITO APOSENTADO COM 113 ANOS

Cabo Anísio Manoel de Souza, veterano da guerra do Paraguai, se recusou a se aposentar e serviu até os 113 anos, falecendo com 116 anos. Fonte: Google.

Nascido em São Gabriel (RS) no ano de 1822, Anísio Manoel de Souza foi um escravo brasileiro que com apenas 15 anos, em 1837, decidiu se alistar nas tropas de Bento Gonçalves durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845). E após o Tratado de Poncho Verde (em Realidade Tratado de D.Pedrito, promovido pelo Barão de Caxias, Anísio ganhou sua alforria, porém, pouco se sabe sobre detalhes da vida do soldado fora do quartel.

Contudo, com o início da Guerra do Paraguai (1864-1870), Anísio voltou para os campos de batalha e com o fim do conflito foi promovido a cabo, ficando na instituição até 1935, quando contava com os seus 113 anos! Quando questionado o porquê continuava no Exército mesmo com uma idade muito avançada, se recusando a se aposentar e ir para casa, Anísio dizia que teria tempo para descansar depois. Ele se aposentou em 1935 e viveu mais três anos, falecendo em 1938, aos 116, sentado numa cadeira olhando para uma porta. Ele ainda era lúcido e a causa da morte foi uma parada cardíaca. Até hoje, é considerado o soldado mais velho da história do Exército Brasileiro. Exemplo de brasileiro! Patriota!

Cabo Anísio Manoel de Souza, veterano da Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai. Em 1935 era o soldado mais velho do Exército Brasileiro, com 113 anos. Ele conservava com orgulho seu uniforme do Exército já desbotado. Fonte: Google.

Fonte: ENCICLOPÉDIA WIKPÉDIA

CORONEL JOAQUIM TEIXEIRA NUNES, O FILHO DE CANGUÇU-RS E PATRONO DE CADEIRA NA ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA (ACANDHIS), CONSIDERADO A MAIOR LANÇA FARROUPILHA PELO GENERAL AUGUSTO TASSO EM SEU LIVRO REVOLUÇÃO FARROUPILHA

CORONEL JOAQUIM TEIXEIRA NUNES (1802 –1845) - A maior lança farrapa -

Nasceu por volta de 1802 em Canguçu, no Vale do Camaquã. Descendia de um dos três irmãos Teixeira Nunes que figuram entre os povoadores de Canguçu.

Por ocasião da Guerra Cisplatina (1825-1828), que terminou com a independência definitiva do Uruguai, Teixeira Nunes dela participou. Assistiu a morte do bravo e destacado lanceiro, o Barão de Cerro Largo e Mal. José de Abreu, então

conhecido como o “Anjo da Vitória”.

A morte de Abreu deu-se num entrevero, em Passo do Rosário, quando ao tentar conter um ataque de Lavaleja, foi atirado pela Cavalaria deste, contra os quadrados de Infantaria do General Calado. Teixeira Nunes foi, nesta campanha, alferes do 25º Corpo de Artilharia Montada Guarani, onde adquiriu a prática de liderança em combate e conhecimentos de tática, que o elevariam à condição de um dos mais destacados oficiais da República Rio-grandense, como também o foi, junto com Canabarro, Garibaldi, das maiores expressões militares da República Juliana, em Santa Catarina, por terem criado condições, com a tomada de Laguna, após longa e heróica expedição por terra e água, desde a barra do rio Camaquã, para que esta república fosse proclamada.

Por ordem de Canabarro, após Porongos, Teixeira Nunes foi acampar no arroio Chasqueiro. Aí foi a procurá-lo Chico Pedro.

“Chico Pedro marchava pela estrada real na direção do passo onde se achava Teixeira Nunes – o seu inimigo dos mais temíveis e respeitado... O inimigo carregou sobre a força de Teixeira Nunes que não podendo sofrer as cargas foi derrotada e perseguida de morte em morte. O cavalo de Teixeira Nunes foi boleado e assim mesmo ele seguiu defendendo-se com sua lança. Mas foi também boleado com a dita lança e não podendo mais manejá-la, foi rodeado pelos que de mais perto o seguiam e deram-lhe um tiro em uma coxa. A seguir caiu do seu cavalo, ocasião em que chegava Chico Pedro ao qual disse – Coronel não me deixe matar. Chico Pedro seguiu e virando a cara para o lado disse: - Não matem o homem. Teixeira tinha feito um sinal de socorro e morreu”.

Manuel Alves Caldeira, canguçuense que participou da revolução Farroupilha assim traçou o perfil do herói conterrâneo:

“Teixeira Nunes foi um dos oficiais de maior nomeada que possuiu a Revolução Farroupilha. Era uma lança das primeiras.

Com o Corpo de Lanceiros a seu comando, alongava-se do Exército, para operar com seus próprios meios, em qualquer parte que o inimigo aparecesse.

Era o terror dos seus inimigos. Onde carregava o Corpo de Lanceiros ao seu comando surgia a vitória. Teixeira era humano. Durante a peleja matava por ser contingência da luta, e depois da vitória não morria um só prisioneiro. Era um oficial que sabia fazer a guerra de recursos locais. Esbelto e galhardo, apresentava-se à frente de seu corpo na ocasião do combate.

Oficial que manejava a lança com invulgar destreza, de estatura mais alta do que baixa, montando garbosamente seu cavalo, sobranceiro, seria capaz de dominar qualquer inimigo. Sua voz de comandante feria os ouvidos. Possuía invulgar espírito militar.

Em novembro de 1836, Teixeira Nunes era major do Corpo de Lanceiros Negros (corpo formado por pretos escravos e libertos), a esse tempo comandados pelo tenente-coronel Joaquim Pedro Soares.

No dia 6 desse mês, feita a eleição para Presidente da República, realizou-se na igreja de Piratini um “Te Deum”. E quando as autoridades do novel Estado Rio-Grandense e a massa popular em cortejo solene, se dirigiam para o templo, ia à frente deles pela primeira vez desdobrado à luz do céu, o pavilhão tricolor, o símbolo da República Rio- Grandense.

E quem o conduz, fremente de emoção e entusiasmo, ufano da glória de ser o primeiro a carregar a bandeira farroupilha é o major de lanceiros Joaquim Teixeira Nunes.

Dentro de pouco tempo seria ele o comandante dos Lanceiros Negros. E à frente dessa força praticaria façanhas sem conta, intervindo em inúmeros combates, até ornar os punhos com os galões de coronel”.Foi tambem conhecido como Coronel Gavião.

Teixeira Nunes, por seu raro valor como líder de combate, habilidade em conduzir operações de guerras prolongadas, vivendo de parcos recursos locais e a legenda de combatente humano e generoso que se criou em torno de seu nome, seria tratado pelo título honroso de “O Bravo dos

bravos”.

Ele foi um dos mais constantes combatentes farroupilhas. Sua consagração como soldado adveio da expedição que realizou por terra à Laguna-SC, coadjuvado por Garibaldi por água, resultando a Proclamação da República Juliana.

Esta, em sinal de reconhecimento, o promoveu a coronel, e fez de Garibaldi o comandante de sua Esquadrilha naval.

Ao apossar-se, sem reação, de Laguna, em virtude de retraimento do comandante daquela praça, além dos navios de guerra que auxiliou Garibaldi e John Griggs a aprisionar ou colocar fora de combate, reforçou consideravelmente sua Logística, ao cair em seu poder quatorze barcos abarrotados de mercadorias, seis bocas de fogo, cerca de 500 armas e para mais de 36.000 cartuchos carregados.

Em Ordem do Dia, após a vitória alcançada, Teixeira Nunes assim se expressou ao agradecer a ação de seus bravos comandados:

“Iguais se não maiores respeitos e considerações adquiriu o capitão José Garibaldi, comandante da Força Naval da República.

Alegoria da transposição por terra dos lanchões Seival e Farroupilha construidos no rio Camaquã, da Lagoa dos Patos para o mar, em Tramandai para conquistarem Laguna em Santa Catarina. (Fonte:História do Exercito Brasileiro Perfil militar de

um Povo,v,2,p.472.)

Em nome da Pátria agradeço-lhe a maneira como desempenhou a parte do plano de ataque que lhe coube executar, fazendo uma jornada de mais de duas léguas por terra (transporte dos lanchões “Seival” e “Farroupilha”), sendo o primeiro a lançar-se n’água para desencalhar o lanchão “Seival” preso ao baixio do Camacho”.

Teixeira Nunes, ao chegar em Laguna, lançou proclamação vasada nos seguintes termos: “Irmãos catarinenses, empunhai as armas conosco e arrancai a segunda província ao diadema do segundo Pedro: Mostrai porém, que os verdadeiros livres, mesmo no afã da guerra, sabem manter a ordem obedecer as leis e respeitar a propriedade...”.

Em seguida, fez chegar aos líderes catarinenses uma carta circular, cujo teor reproduzimos a seguir: “Proclamando a independência de Santa Catarina, não penseis que isto afetará os interesses do Brasil, do solo sagrado dos brasileiros, pois que a República Rio-Grandense, conscienciosa de sua dignidade, do espírito da grande maioria dos brasileiros e da honrosa missão que lhe foi confiada, não tem tanto a peito, quanto a federação aos estados seus irmãos”.

Após derrotado Garibaldi no mar, Teixeira Nunes foi forçado a retrair sob forte pressão de João Fernandes, chefe legalista. Atravessou o canal de Laguna a nado, indo reunir-se com Canabarro no Passo do Camacho.

Havendo discordância sobre operações futuras entre Canabarro e Teixeira Nunes, enquanto o primeiro se dirigiu ao Rio Grande, Teixeira Nunes convicto de que perdeu uma batalha, mas não a guerra, dirigiu-se para o planalto e com ele Garibaldi, agora infante, e Anita e Rosseti, todos já ligados por laços de amizade.

Na margem norte do rio Pelotas, no interior de um mangueirão de pedra, feriu-se um cruento e encarniçado combate que passou à história, com o nome de Santa Vitória.

Nele, Teixeira Nunes, tendo Garibaldi no comando de

sua Infantaria, infringiu fragorosa derrota na Divisão da Serra ou de São Paulo, ao comando do brigadeiro Xavier da Cunha.

Este combate possibilitou-lhe entrar triunfalmente em Lages, vila que encontrou com os cofres raspados e sem administração, o que procurou refazer, bem como a refazer os uniformes de sua tropa, dando contas precisas de tudo aos seus superiores de Caçapava.

Em Lages, Teixeira Nunes, agora com o comando militar e político, procurou tratar o povo como amigo, dirigindo a guerra não contra a população, mas contra os defensores do governo. Procurou ignorar atitudes hostis e, habilmente, por todos os meios, conquistar a confiança dos simpatizantes da causa, revelando mais um positivo aspecto militar de sua personalidade.

Sobre sua visão política e estratégica, podemos concluir muito boa, pelos termos de carta abaixo, em que advogava a manutenção de Santa Catarina e sobretudo de Lages: “Esta fronteira (Lages), é de primeira importância para nós, seja com respeito ao grande rendimento de tropas de gado, seja porque daqui podemos manter em observação não só a Província de Santa Catarina, como também São Paulo e vigiar com maior facilidade os distritos de Vacaria, Cima da Serra e Missões. Logo deve ser este ponto guarnecido, por uma força correspondente às infinitas vantagens que o mesmo apresenta”.

Sabendo Teixeira Nunes que tropa do coronel Antônio Albuquerque Mello andava em seu encalço, saiu à procura da mesma na direção de Curitibanos, onde se feriu o combate de Marombas. Nele, Teixeira Nunes, após um sucesso inicial, caiu em emboscada, sendo salvo pela Infantaria de Garibaldi que o acolheu.

Salvou-se da destruição total, ao embrenhar-se numa mata, através da qual atingiu Lages no 5º dia, após indescritíveis sofrimentos no matagal.

Anita Garibaldi extraviou-se neste combate. Sendo presa por Albuquerque Mello, conseguiu empreender uma fuga épica, vindo a encontrar-se com a coluna de Teixeira Nunes

e com Garibaldi, em Vacaria.

No Rio Grande, juntamente com Garibaldi e sob o comando de Bento Gonçalves, tomou parte do indeciso combate de Taquari, no qual comandou uma Brigada Ligeira de Cavalaria.

Posteriormente, sob o comando de Bento Gonçalves, se destacou no ataque de S. José do Norte, no qual combateram a seu lado seus velhos amigos de tantas jornadas na República Juliana, Garibaldi e Rosseti.

Aí, Teixeira Nunes, o “Coronel Gavião”, bateu-se com um denodo sem precedentes, fato reconhecido em ordem do dia de Bento Gonçalves.

Depois foi operar os lados de Bagé, atacou Jaguarão, em 19 dez. 43.

Os lanceiros negros de Teixeira Nunes, foram, em grande número, recrutados nos municípios atuais de Arroio Grande, Canguçu, Cerrito Piratini, Pinheiro Machado, Herval, Bagé, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas, Pedro Osório, Caçapava e Encruzilhada do Sul e fornecidos pelos estancieiros e charqueadores farroupilhas.

Finalmente, após uma dedicação extremada ao ideal republicano farroupilha, Teixeira Nunes, num encontro com Chico Pedro, “após combater como um bravo, com o brio e heroísmo que lhe eram peculiares”, foi atingido por um lançaço fatal de um adversário, vindo a morrer de lança em punho, vítima da arma em cujo manejo se celebrizara”.

Ao homem que desfraldou e portou pela primeira vez o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense, coube o privilégio de comandar no Rio Grande, a última reação armada do ideal republicano farroupilha. Ideal que não viveu para ver concretizado para todo o Brasil, 45 anos após.

Foi por certo pensando no bravo canguçuense Teixeira Nunes e nos seus bravos lanceiros, com os quais Garibaldi conviveu e padeceu irmanado, na longa odisséia desde sua derrota naval em Laguna, até o frustrado ataque a São José do Norte, que escreveu em suas **Memórias** e cartas estes trechos:

“Os gaúchos rio-grandenses eram homens

habituados a todas as privações, e nunca de uma só boca ouvi lamentação de fome e sede; ao contrário, mesmo em tão dolorosa situação, desejavam combater".

"Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes, que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes".

Quando a Europa celebrava Garibaldi como a figura mais romântica do mundo, ele se lembraria do canguçuense Teixeira Nunes, seu comandante na retirada da República Juliana.

"E repassando na memória as vicissitudes da minha vida no vosso meio, em 6 anos de atividade de guerra, de constante prática de ações magnânimas, como que em delírio exclamo! Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates?

Onde Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos valorosos lanceiros que não me lembro!

Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus osssos; e que vossas belíssimas patrícias, cibram de flores esses santuários das vossas glórias".

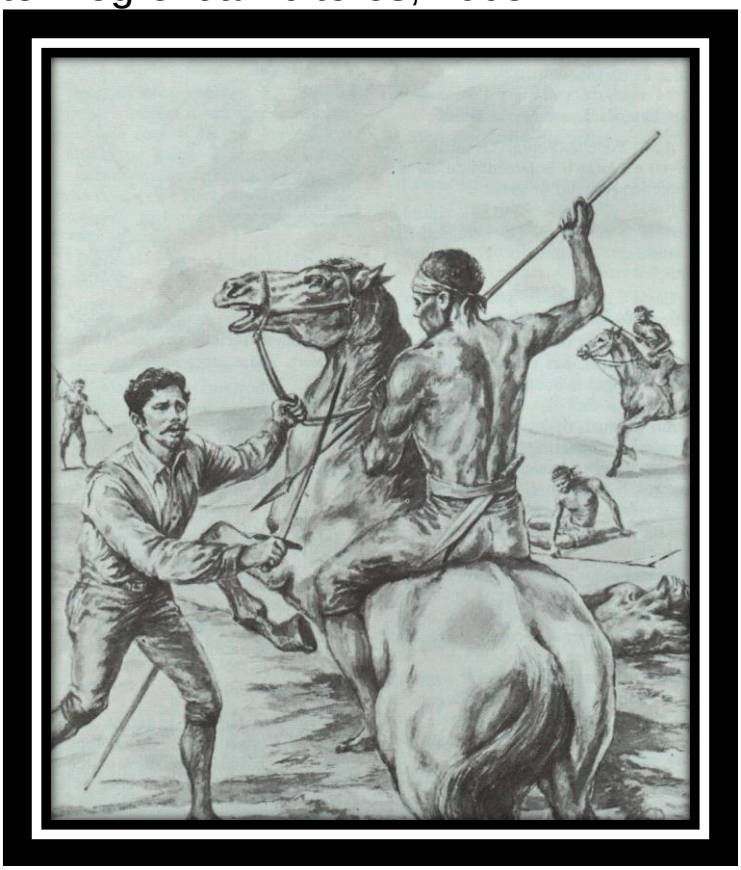
O final do maior lanceiro farrapo foi assim descrito por seu citado conterrâneo, o tenente farrapo Manuel Alves

Caldeira e seu comandado como porta-bandeira no combate de Rio Pardo Por ordem de Canabarro, após Porongos, Teixeira Nunes foi acampar no arroio Chasqueiro. Aí foi a procurá-lo Chico Pedro. "Chico Pedro marchava pela estrada real na direção do passo onde se achava Teixeira Nunes – o seu inimigo dos mais temíveis e respeitado... O inimigo carregou sobre a força de Teixeira Nunes que não podendo sofrer as cargas foi derrotada e perseguida de morte em morte. O cavalo de Teixeira Nunes foi boleado e assim mesmo ele seguiu defendendo-se com sua lança. Mas foi também boleado com a dita lança e não podendo mais manejá-la, foi rodeado pelos que de mais perto o seguiam e

deram-lhe um tiro em uma coxa. A seguir caiu do seu cavalo, ocasião em que chegava Chico Pedro ao qual disse – Coronel não me deixe matar. Chico Pedro seguiu e virando a cara para o lado disse: - Não matem o homem. Teixeira tinha feito um sinal de socorro e morreu".

A História do Exército publica alegoria que refere a sua ação e a de seus lanceiros negros em Porongos. **Nota:** Abordamos Teixeira Nunes nas obras **A Grande Festa dos Lanceiros**. Recife: UFPE,1971, sobre a inauguração do Parque Osório em Tramandaí e em **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx,1991.2v, ambos disponíveis no meu site www.ahimtb.org.br e no Google.

E fornecemos dados sobre ele ao autor Douglas Simon, que o representou na novela **A Casa das sete mulheres**, atendendo a seu pedido pela Internet. Teixeira Nunes é patrono de cadeira na ACANDHIS. Ele foi r abordado no livro **Lanceiros Negros** dos jornalistas Geraldo Hasse e Guilheme Kolling. Porto Alegre: Já Editores, 2005.



Alegoria sobre o combate de Porongos na Revolução Farroupilha, de autoria de Yolanda Helena Stumpf Bento, esposa do autor, para a História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um

Povo, publicada pelo Estado-Maior do Exército, em 1972, em 3 volumes, como contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Indepêndência, Alegoria representando um lanceiro negrono no Combate de Porongos, enfrentando o guerrilheiro imperial Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, Alegoria que figura na página 478 do 2º volume

Abaixo capas dos livros O ATAQUE DE PORONGOS E OS 170 ANOS DE UMA FARSA INTERMITENTE e O ATAQUE DE PORONGOS E OS 70 ANOS AS SURPREZA DE PORONGOS o primeiro de de autoria do historiador Cesar Pires Machado, ocupante da cadeira Especial da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil(FAHIMTB), em homenagem ao historiador gaúcho Arthur Ferreira Filho, volta mais uma vez, a esta injusta e intermitente controvérsia, cuja versão caluniosa agride as memórias do Duque de Caxias e do General Davi Canabarro e demais lideranças farrapas presentes no episódio Surpresa de Porongos. E agridem em especial a memória do Duque de Caxias patrono da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e Davi Canabarro, cujos restos mortais foram transferidos de Santana do Livramento em cavalgada que assinalou, o renascimento do Movimento Tradicionalista Gaucho (MTG), liderado por pioneiros deste Movimento. Movimento que hoje se espalhou pelo Brasil e pelo mundo na forma de Centros de Tradições Gauchas (CTG). Mas desta vez Cesar Ferreira Pires, veio amparado no prólogo do sério historiador rio-grandense Sergio da Costa Franco e aba do historiador e museólogo Giovanni Mesquita.

Sérgio da Costa Franco em síntese a seguir de seu Prólogo, colocado na 4ª capa, escreveu, honrando a História como instrumento de Verdade e de Justiça.

"Em um breve texto, Cesar Pires Machado presta três inestimáveis serviços à historiografia do Rio Grande do Sul: o primeiro deles é o de lançar por terra a versão caluniosa da traição de Canabarrro à causa farroupilha:

segundo , o de ter tramado e praticado a matança dos Lanceiros Negros comandados de Teixeira Nunes: e, terceiro, o de evidenciar a autoria do Barão de Caxias na suposta "surpresa de Canudos", até hoje atribuída, sem a participação de seu Comandante -em-Chefe, às astúcias e falsidades do Moringue."

Nota: Moringue era o Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro Brusque de Abreu, consagrado como Barão de Jacuí.

Na aba do livro escreve o Giovanni Mesquita, Historiador e museólogo que após escrever que os brasileiros em geral tem um prazer mesquinho de falar mais de nos mesmos. mencionou uma pesquisa em março de 2014 do IPEA de que 65,1% dos brasileiros concordavam de que "mulheres que mostram o corpo merecem ser atacadas". E que ninguém contestou tais dados nas redes sociais e órgãos de Comunicação Social formadores de opinião."

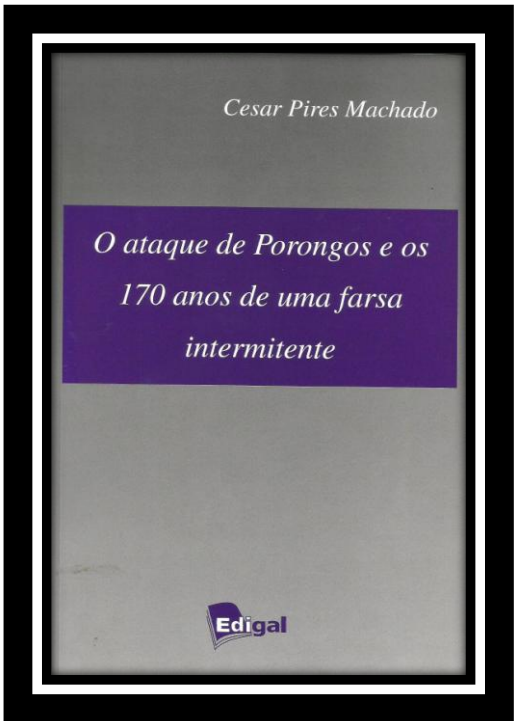
Mas que depois o IPEA mencionou o erro e que sua pesquisa estava invertida. E sim de 65,1 não concordavam com aquela afirmação. E sobre a Surpresa de Porongos. E deu como exemplo o seguinte fato. *"Da mesma forma a historiografia do Rio Grande do Sul, e com ela grande parte da opinião publica do Rio Grande do Sul se agarrou de unhas e dentes na tese de que Canabarro traiu os Lanceiros Negros em Porongos, entregando-os ao massacre para as tropas imperiais. Entretanto, uma voz grita, no deserto, Cesar Pires Machado, não se contentou com o consenso criado e foi a luta... E no seu livro PORONGOS FÁBULAS E FATOS, advertiu sobre o linchamento fácil de Canabarro..."* Foi bom que três historiadores civis rio-grandenses viessem ao encontro de minha tese abaixo que publicamos no Informativo O GAÚCHO, nº 32 de Setembro de 2006, alusivo aos 20 anos da fundação do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) em Pelotas em 10 set 1986, no Sesquicentenário do Combate do

Seival, cuja capa figura ao lado da capa do livro do acadêmico César Pires Machado e que também abordo o espírito militar do poeta Mario Quintana

O COMBATE DE PORONGOS – UM ASSUNTO QUE JÁ HAVIA TRANSITADO EM JULGADO NO TRIBUNAL DA HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Tem dominado a Mídia contemporânea no Rio Grande do Sul, a tese de que Davi Canabarro traiu os guerreiros negros, infantes e lanceiros negros farrapos, no Combate de Porongos de 14 nov 1844. Tese com base num ofício forjicado, num quadro de Guerra Psicológica e que alguns escritores riograndenses equivocadamente afirmam:

”Que o Barão de Caxias teria enviado ao guerrilheiro imperial Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu, Chico Pedro ou Moringue. o qual salvo melhor juízo, pioneiramente ensaiamos sua biografia em **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**. Brasília: IHTRGS/EGGCF, 1989, e com apoio, em parte, de abordagem do General Souza Docca e no magnífico **Campos Realengos** do falecido historiador Raul Pont, que foi membro do IHTRGS.



Abordagens, sem o direito de resposta ou de contraditório que nos foi negada, predominando a tese de

traição de Canabarro, tão celebrada, ao ponto do Instituto de Arquitetura do RGS, sediado em Solar que pertenceu ao Conde de Porto Alegre, haver organizado um Concurso para um monumento naquele local e já inaugurado... Falsa tese que se projetou no magnífico Programa **Globo Rural** ao abordar o **Tropeirismo**, em que na obra a seguir por um equívoco do autor, sem mencionar a obra e o local onde eu teria afirmado. Possivelmente por ter escutado alguém insistente em colocar na minha pena palavras que não escrevi.

Minha tese que reproduzo ao final é inteiramente contrária a que o historiador José Machado Leal em seu livro que muito apreciei **Rio Grande do Sul história e tradições** (Porto Alegre: Evangraf, 2006) afirmou como minha opinião a p. 65:

"**Segundo Cláudio Moreira Bento, a página que mais envergonha a história rio-grandense é a traição de Porongos, quando a tropa fora desarmada por ordem do comando alegando suspeita de traição...**"

Página mais vergonhosa foi o massacre por degola de inermes republicanos por federalistas em Rio Negro na Revolução de 93 e o massacre depois, de federalistas inermes por republicanos, em Boi Preto na mesma Revolução .

Agora o sócio efetivo da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara, da AHIMTB no Rio Grande do Sul, o historiador César Pires Machado em plaqueta **Canabarro em Porongos – diversas abordagens. (**Porto Alegre: Est Edições, 2006) lançado em reunião da AHIMTB/IHTRGS em 21 de junho de 2006, no Colégio Militar de Porto Alegre, rebateu a falsa tese de traição, com precisão inquestionável , com o apoio em Alfredo Ferreira Rodrigues (1898-1901), Alfredo Varela (1889 e 1933), Walter Spalding (1934), Othelo Rosa (1935), Fernando Luiz Osório (1935), General Augusto Tasso Fragoso (1938), Ten Cel Henrique Oscar Wiedersphan, General Morivalde Calvet Faguntes (1984), Ivo Caggiani (1992), Moacyr Flores (2004), Raul K. M. Carrion. E a nosso pedido deixou de fora nossas opiniões que a seguir

reapresento. Ele inicia a sua introdução escrevendo:

"As rivalidades estabelecidas entre as lideranças republicanas, a exaustão dos recursos por endividamento interno e externo e irrepreensível insatisfação popular, com a continuação da revolução que já durava quase 10 anos, eram alguns acontecimentos que vinham prenunciando o epílogo da Revolução."

Foi nesta fase e logo depois do insucesso na conquista de São José do Norte, ao que nos parece, foi que entraram em cena ***"os demônios de todas as revoluções",*** um bando confuso atrás de um responsável. E o eleito foi Davi Canabarro!

E o General Morivalde Calvet Faguntes, sobrinho do General Souza Docca, assim definiu os demônios das revoluções, com base num autor estrangeiro cujo nome não lembrou com segurança.em seu livro **As Forças Secretas da Revolução**.Obra que teve grande repercussão e disponível no Google.inclusive para venda.

"Toda a ação revolucionária carrega em seu bojo os elementos da sua própria destruição, como sejam as contradições, as insatisfações, os desejos divergentes, as ambições incontroláveis, a calúnia, a inveja etc."

E este quadro penso, havia se instalado no seio da Revolução Farroupilha a ao ponto de ser transferido para Canabarro, por seu reconhecido valor militar, o Comando do Exército, sendo antes obrigado a ingressar na Maçonaria, como o comprovou seu biógrafo e parente Ivo Caggiani em seu livro **Canabarro**.

E a carta forgicada ou forjada por Chico Pedro de Abreu visava minar o comando de Canabarro para o indispor com os farroupilhas, por ser considerado o único no momento capaz de liderar, como consumado guerrilheiro gaúcho, a reação farrapa . E cumpriu o seu papel.

Cesar Pires Machado baseia a sua tese da não traição de Canabarro nas declarações de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu **Almanaque** de 1901, com as quais em 1933, Alfredo Varela concordou em sua extensa obra **História da Grande**

Revolução – por convencido da inocência de Davi Canabarro. Historiadores contemporâneos não atentaram para isto. Ou não quiseram, segundo o autor Cesar.

Estes dois autores por si só, justificam a inocência de Davi Canabarro que alguns escritores e jornalistas gaúchos contemporâneos insistem na falsa tese de traição de Canabarro, o que contaminou e dominou grande parte do Rio Grande do Sul, ao ponto de se inaugurar um monumento aos Lanceiros Negros em Porongos, em Pinheiro Machado, no contexto de uma manipulação da História acusada por alguns de ideológica. Lanceiros Negros que começamos a exaltar em 1971 em nosso livro **A Grande Festa dos Lanceiros** (Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971), disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google abordando a inauguração do Parque Histórico Marechal Luiz Osório, onde, motivado pela presença ali de réplica do lanchão farroupilha Seival, nele tratamos da sua participação na República Juliana e nesta, entre seus participantes, o canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes em "Um lanceiro republicano farrapo e os seus comandados" e " Os Lanceiros Negros farrapos e a Abolição."etc.

Ao estudá-los à luz da Arte e Ciência Militar achamos seu uso tático como uma solução originalíssima, uma forma hoje reservada a ataques de blindados.

E continuamos estudando e divulgando a sua atuação que visava, de lança em punho, consolidar suas liberdades nos campos de batalha.

Em 1972 como adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do seu Estado – Maior, participamos da elaboração da **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo**. (Rio de Janeiro. EME, 1972 3v) onde sugerimos uma homenagem aos bravos Lanceiros Negros gaúchos, os quais por sua resistência a todo o custo salvaram em Porongos, sob a liderança do Cel Joaquim Teixeira Nunes a causa da Revolução Farroupilha, possibilitando que ela continuasse até a paz honrosa de D. Pedrito.E pedi a minha senhora que fizesse alegoria sobre a resistência dos Lanceiros Negros em Porongos, sob a

liderança de seu comandante Cel Joaquim Teixeira Nunes .Alegoria que foi publicada no volume 2 da citada **História do Exército** pagina 478 e ja abordada antes neste livro digital.

O próximo passo foi abordá-los em nossos livros premiados no Biênio da Colonização e Inspeção do RGS em 1975.

- **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS 1635-1879**, (Porto Alegre:A Nação S.A / Instituto Estadual do Livro, 1975). 2º lugar Disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google.

- **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS (1635-1975**). Porto Alegre: Grafosul /IEL, 1975. (1º prêmio em Concurso Nacional). 1º lugar. Disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google.

Livros que foram ora reproduzidos e distribuídos, em fascículos, pela Universidade de Caxias do Sul, por iniciativa do ilustre e saudoso acadêmico da AHIMTB professor Mario Gardelin.

Este último foi prefaciado, a nosso convite, pelo ilustríssimo afro-brasileiro Deputado Carlos Santos, que chegou a governar interinamente o Rio Grande do Sul de igual forma que o líder farrapo afro brasileiro Cel José Mariano de Mattos, como o ilustre afro brasileiro Alceu Colares governou o Rio Grande por eleição. . Mais tarde em artigo em fev 1993, p. 10 do **Diário Oficial – Leitura** de São Paulo o escritor Mário Maestri, que tem defendido a traição de Canabarro em Porongos destacou que nosso livro, ao lado da obra do sociólogo Fernando Henrique Cardoso eram os dois melhores trabalhos sobre o Negro no RGS.etc

Em 1983 produzimos **Canguçu reencontro com a História - Um exemplo de reconstituição de memória comunitária** (Porto Alegre: IEL, 1983), disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google com prefácio de nosso primo, Luiz Carlos Barbosa Lessa, o filósofo do tradicionalismo gaúcho, no qual biografamos o Cel Joaquim Teixeira Nunes e o Tenente Farroupilha Manoel Alves Caldeira que foram o comandante do Corpo de Lanceiros Negros e o porta bandeira do mesmo corpo, no vitorioso

combate de Rio Pardo, em 30 de abril de 1838, sobre o qual, nos seus 150 anos, em Encontro do IHTRGS, em Rio Pardo, lançamos plaqueta intitulada **Sesquicentenário do combate de Rio Pardo**. (Rio de Janeiro: IHTRGS,1988).Disponível no meu site www.ahimtb.org.br e no Google. Trabalho que se constituiu numa análise militar crítica pioneira do mesmo, à luz de fundamentos e princípios da Arte Militar. Trabalho reproduzido no segundo volume de nosso **O Exército farrapo e os seus chefes**, junto com o combate do Seival com o mesmo enfoque.Obra a abordar adiante.

E hoje Teixeira Nunes, considerado pelo General Tasso Fragoso como a maior lança farrapa e mais o Ten farrapo Caldeira, foram consagrados como patronos de cadeiras da Academia Canguçuense de História. O primeiro por natural de Canguçu e o segundo natural de Cerrito e por haver residido em Canguçu depois da Revolução Farroupilha, onde fundou no interior um Clube Republicano. E ali ele escreveria suas **Memórias** sobre a Revolução Farroupilha e publicadas em parte pela **Revista do IHGRS** em 1921. Memórias usadas por diversos historiadores pioneiros desta Revolução, Alcides Mendonça Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, Alfredo Varela e Piratininho de Almeida. No meu caso tirei real proveito de suas analises judiciosas sobre o verdadeiro perfil militar dos lideres militares farrapos no citado **O Exército Farrapo e os seus chefes**.disponível nomeu site www.ahimtb.org.br e no Google.

Em 20 de setembro de 1985, no sesquicentenário do início da Revolução Farroupilha lançamos edição especial do evento, e bastante ilustrada no **Diário Popular** de Pelotas, que fez a seguinte chamada:

"Uma edição para ficar na História. Guarde-a para seus filhos ou netos, lembrando o ano 2035. Edição com 23 páginas com 50 ilustrações".Obra disponível em livros para baixar no meu site www.ahimtb.org.br e no Google.

Em 10 de setembro de 1986, centenário do combate de Seival, fundamos em memorável e concorrida cerimônia, no auditório da na Escola Técnica Federal em Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do

Sul(IHTRGS) com a finalidade;

"De levar a efeito mutirão permanente, visando a preservação, a pesquisa, o culto e a difusão, com a maior penetração popular, da história, tradições e folclore do Decênio Heróico, com o concurso governamental, de empresários, comunidade em geral, historiadores, tradicionalistas e folcloristas rio- grandenses ."

E isto ele vem realizando há 37 anos através de encontros em municípios gaúchos e no IHGB no Rio de Janeiro e agora divulgando seus trabalhos através de seu informativo **O Gaúcho**, mas sem apoio da mídia gaúcha, a não ser do jornal **Tradição,** ao tempo do saudoso e incansável tradicionalista Edson Otto e mais do **Diário Popular** de Pelotas, ao tempo de Clayr Rocheford e do **Platéia** de Santana ao tempo de Ivo Caggiani. E os três citados sócios efetivos do IHTRGS e lamentavelmente falecidos.De uns tempos para cá tranferimos a presidência do IHTRGS ao historiador e tradicionalista Juarez Nunes da Silva, autor do precioso livro **A Terra dos quatro ventos,** obra em que vestiu de gala a História do Rio Grande do Sul e que publicou depois de 10 anos de pesquisa .Obra que concentra em um único volume, aspectos relevantes que caracterizam o gaúcho, servindo de ferramenta de apoio ao culto não só à História com as tradições do povo gaúcho.

MEU TRABALHO SOBRE O EXÉRCITO E A ABOLIÇÃO PREMIADO EM CONCURSO DA BIBLIEX NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

Em 1988 no centenário da Abolição, participamos de um concurso literário, promovido pela Biblioteca do Exército sob o título **O Exército e a Abolição**. Tiramos o primeiro lugar e nosso trabalho QUE foi publicado na **Revista A Defesa Nacional**, com destaque na sua capa e em seu nº 738, jul/ago 1988 as p. 7/30. E sobre ele proferimos palestra na IHGB, em 20 de abril de 1988, no contexto do Simpósio promovido sobre a Abolição. Recordo que a seção foi presidida pelo General Edmundo de Macedo Soares, então historiador e que fora o construtor da CSN em Volta Redonda

e desta cidade. E foi a sua última aparição pública pouco antes de falecer.

Dentre as nossas 7 conclusões sobre o tema reproduzimos as seguintes :

1ª - Que a contribuição do negro e seus descendentes foi maciça, marcante e efetiva no campo militar, para ajudar a integrar os brasileiros num país de dimensões continentais, cristão e talvez a maior democracia racial, em que pese detectar-se, vez por outra, sem justificação científica, manchas de preconceito e de discriminação racial e até de racismo.

2ª - Que apesar das manchas mencionadas, a situação do Brasil é invejável, a concluir-se de Arnold Toymbee que foi considerado o maior historiador ocidental. Em A SOCIEDADE DO FUTURO ele escreveu;

"A meu ver, o sentimento racial é uma ameaça à paz mundial e um obstáculo à unidade da humanidade. No entanto espero que o resto do mundo veja o exemplo do Brasil, México, Paquistão e Havaí e venha a abandonar este preconceito em relação as diferenças raciais." Foi neste contexto que a contribuição militar dos Lanceiros Negros farrapos foi efetiva para uma paz honrosa e projeção da República Rio Grandense na nossa centenária República Brasileira.

E com apoio em Henrique Oscar Wiedersphan em **O Convênio de Ponche Verde**.(Porto Alegre: IEL, 1979), a 5ª conclusão.

5ª - Que o Duque de Caxias, atual patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (hoje FAHIMTB) é um destacado pioneiro abolicionista. Isto por haver assegurado a liberdade, ao final da Revolução Farroupilha, por sua conta e risco, contrariando instruções superiores, a 120 lanceiros. Ação que Caxias praticou 43 anos da Lei Áurea." (Corrijo aqui 43 e não 40 anos conforme mencionei antes)

E durante este todo este tempo não havia ressurgido a caluniosa tese da traição de Canabarro em Porongos. E caso tivesse havido traição desmoronaria o orgulho nativista pela

Revolução, por estarem presentes naquele episódio várias outras lideranças farrapas que seriam co-responsáveis pela traição e não são citadas.

Foi em 1991 que publicamos a obra **o Exército Farrapo e os seus chefes**. (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991. 2v). Disponível no Google Nos baseamos em grande parte em dados inéditos colhidos nos 12 preciosos volumes dos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. E nele evocamos com maiores dados lideranças farrapas esquecidas, com os já citados Cel Teixeira Nunes, Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira e o Coronel Joaquim Pedro Soares, veterano nas lutas contra Napoleão na Península Ibérica, o qual, em realidade foi quem dispôs as tropas em Seival para o jovem de 33 anos, Antonio de Souza Neto e foi quem sugeriu, organizou e comandou inicialmente os Lanceiros Negros em Seival. Batalha esta vencida pela Brigada Liberal de Neto, que resultou da transformação do Batalhão da Guarda Nacional do amplo e novel município de Piratini e constituída de ¼ de guardas nacionais do Piratini - sede, ¼ do distrito de Canguçu, ¼ do distrito de Cerrito e ¼ do distrito de Bagé até o Pirai Distritos que se tornaram os atuais municípios de mesmo nome.

"História é verdade e justiça. Esta é a minha verdade histórica!" Ao final estudamos, à luz dos fundamentos da Arte Militar e pioneiramente as vitórias farrapas de Seival e Rio Pardo onde brilharam os Lanceiros Negros.

Em 1994 abordamos o assunto na **História da 3ª Região Militar – 1808-1889 e Antecedentes**. (Porto Alegre: 3ª RM, 1994). Disponível em nosso site www.ahimtb.org.br e no Google.

Em 2003 publicamos a obra **Caxias e a Unidade Nacional**.(Porto Alegre: AHIMTB, Metrópole, 2003), em comemoração aos 200 anos de Caxias, patrono do Exército e da nossa Academia e que presidiu o Rio Grande do Sul por duas vezes, onde realizou administração memorável estudada por Walter Spalding e Moacyr Flores e que reproduzimos e ampliamos no citado **Porto Alegre memória**

dos sítios farrapos e da administração de Caxias , disponível no Google**.**

Em **Caxias e a Unidade Nacional** tratamos destes assuntos sobre os Lanceiros Negros farrapos e consideramos Caxias pioneiro abolicionista, 43 anos antes da Lei Áurea, Isto por haver Caxias, segundo Wiedrsphan em seu **Convênio de Ponche Verde,** disponível no Google e tambem para venda,assegurado a liberdade aos escravos que haviam lutado em troca de sua liberdade no Exército Farrapo e os incorporando como livres a Cavalaria Ligeira do Exército, destacada no Rio Grande do Sul. Abolição vale lembrar, provocada pelo Clube Militar sob a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca há pouco egresso da Presidência do Rio Grande do Sul, onde liderou a Questão Militar e por protestar pelo uso do Exército como Capitão de Mato .

Mas os efeitos "**dos demônios das revoluções**" mencionadas no início, com apoio na carta forjada por Chico Pedro, intrigando Canabarro com os farrapos, numa bem sucedida operação de Guerra Psicológica, como hoje seria classificada, continuaram atuando até hoje, inclusive como instrumento de manipulação política ideológica, diminuindo a grande projeção da contribuição do Negro na Revolução, transformando-os de admiráveis heróis guerreiros ou de "Suíços da América! a miseráveis explorados. **Com isto não concordamos**! Heróis guerreiros foi o que concluímos ao escrevermos nosso livro citado **O Negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul.** Disponível no Google**.**Livro retribuição a um gesto nobre do Deputado Carlos Santos que foi o único parlamentar gaúcho a deixar o seu lugar e vir ao meu encontro me cumprimentar pelo 2º lugar que obtive com meu livro **Hipólito da Costa** - **O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, em concurso promovido peça Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa(ARI). Livro ora publicado com o patrocínio da FHE POUPEX e sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e

lançado na ARI.Livro disponívelno Google.

Estudando as **Memórias** de Chico Pedro publicadas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS** em 1921, nada ele refere a traição de Canabarro quando poderia a ter confirmado se ela tivesse ocorrido, conforme abordamos no já citado **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias**.

Durante a Guerra do Uruguai 1864 e início da Guerra do Paraguai, enquanto o Exército havia se internado no Uruguai,o comando da fronteira gaúcha com o Uruguai ficou a cargo de tropas locais improvisadas mobilizadas por Chico Pedro e a fronteira com a Argentina por tropas locais improvisadas mobilizadas por Canabarro.

E de costas um para o outro ,estavam dois inimigos desde a intriga de Porongos, mas ambos admiráveis como os maiores especialistas em Guerra à gaúcha, junto com Bento Manoel Ribeiro...

Nesta fase Canabarro foi é vítima de outra grande injustiça por não ter impedido que invasores paraguaios penetrassem por São Borja e atingissem sem nenhuma reação de sua parte até Uruguaiana. Era agora vítima de ***"uma guerra de alfinetes***" que não era a sua praia.

Esta estratégia ele já havia usado em 1841 contra o General Manoel Jorge que saiu a campo com o Exército para com ele travar uma batalha campal e chegou a destino destituído do comando, com enorme número de deserções, uma quantidade de doentes, falta de cavalos Enfim um grande e desgaste de sua tropa. Ao percorrer o Rio Grande como um pneu rodando de um lado para outro sem nada encontrar. Em resumo um fracasso militar!

E Canabaro tentou realizar isto com Caxias. Pois no comando do Exército Farrapo durante 16 meses ele foi perseguido pelo Barão de Caxias que tinha como subordinados em duas frentes Chico Pedro, com sua base de operações na atual cidade de Canguçu e Bento Manoel na fronteira.com o Uruguai. O Barão de Caxias perseguiu Canabarro por 38 léguas por toda a fronteira sudoeste, sem conseguir o encontrar e o obrigar a um combate.

O Tenente Caldeira que o acusou de traição em Porongos, por ouvir dizer e vitima da intriga de Chico Pedro, assim traçou perfil militar de Canabarro que registramos ao biografá-lo no citado **Exército farrapo e seus chefes**.v.1

"Canabarro foi o general mais severo da revolução. Mantinha ordem e boa disciplina nas forças que comandava... Era um general muito arrojado. Não era ilustrado, porem era muito perspicaz, enérgico e muito audaz. Era muito respeitado. O inimigo sempre o considerava bom guerreiro. Marchava com denodo na frente de Caxias, sem que este bravo general conseguisse batê-lo em campo raso. Ele possuía a melhor gente da fronteira com ele ."

*E mais adiante Caldeira referiu****. "Canabarro era um homem de caráter muito severo. Era valente a toda a prova e muito perspicaz. Durante a revolução nunca foi derrotado. Somente em Porongos perdeu parte da tropa que comandava. Quando Caxias estava em seu encalço ele mais severo se tornou.. Chegava a dizer aos oficiais faltosos, caso repetissem faltas que ele lhes dava duas alternativas, prisão, ou liberdade de desertar para Caxias e apontava para o acampamento imperial. Era homem de poucas palavras e positivo. Sua vontade era de ferro."***

Garibaldi o herói de dois mundos afirmou:

"Canabarro era rude na aparência , mas de excelente coração."

Antônio Vicente da Fontoura assim depôs sobre Canabarro:

"Ele era laborioso, ativo, e enérgico , prevendo as marchas e os planos do inimigo e suprindo a nudez e provação do soldado .*Em* ***marcha ora num flanco ora no outro ou a retaguarda e logo a frente, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas, infundindo ao soldado enregelado pelo frio um novo brio (moral) e uma audácia mesmo no rigor da estação no inverno."***

Para o Monsenhor Pinto de Campos um dos primeiros biógrafos de Caxias ele escreveu:

"Havia incontestavelmente em Canabarro talento guerreiro, auxiliado por muita energia, decisão e concepção militar variada e vasta. Era um Proteu, revestindo-se de mil formas e imaginando constante e sucessivamente novos ardis". E por isto era muito respeitado como militar por Caxias.

Como um homem com este perfil iria trair seus homens em Porongos?

Como um general deste nível pouco depois da surpresa de Porongos se apresentaria a luta com um Exército de 1000 homens dentre os quais 120 Lanceiros Negros.

Enfim a sua inocência foi comprovada em 1901 por Francisco Ferreira Rodrigues e transitou em julgado na obra **A Grande Revolução** de Alfredo Varela em 1931. (Porto Alegre: Liv Globo, 1933. 1 ed) Creio que foram os historiadores que mais aprofundaram na pesquisa e divulgação do Decênio Heróico.

Desde menino na escola e depois Brasil afora, ouvíamos sua consagração patriótica por haver assim respondido ao Ditador Argentino que lhe ofereceu apoio em sua luta contra o Império, em momento dificílimo para os farrapos.

"Recusamos sua proposta! E com o sangue do primeiro argentino que ousar atravessar a nossa fronteira, assinaremos a Paz com o Império."

Atitude que procuramos melhor divulgar com uma

alegoria a seguir que fizemos publicar em **O Exército Farrapos e os seus chefes** e na **História da 3ª Região Militar.** v.1.

Alegoria de Cilka Silva de Canabarro com orientação do autor, para a Comissão de História do Exército do EME respondendo ao emissário argentino que lhe oferecai apoio contra o Império tendo como resposta:" Que o sangue do primeiro argentino que atravessar a fronteira serviria de tinta para assinar a Paz com o Império."

Achamos **A Casa das Sete Mulheres** um grande sucesso e que ora esta sendo reprisada, mas uma fantasia notável que conservou a espinha dorsal da Revolução. E creio tenhamos cooperado indiretamente com ela, através do ator Douglas Simon, que representou nela, com dignidade, o personagem Cel Joaquim Teixeira Nunes. Fomos por ele procurado por conhecer pela Internet que havíamos escrito sobre o personagem. E lhe fornecemos o máximo de subsídios sobre o seu personagem e seus bravos Lanceiros Negros farrapos que com satisfação os vi representados na mini série.

Lamentamos como historiador que busca na História Verdade e Justiça, as figuras caricatas e desmoralizantes que a mini série apresentou dos generais Bento Manoel Ribeiro e Davi Canabarro, dois heróis da Integridade, da Soberania e da Unidade do Brasil no Sul ali são linchados

profissional e moralmente.

Os descendentes de ambos se sentiram humilhados com o desrespeito a memória manipulada de ambos, sem amparo nas fontes confiáveis da História do Rio Grande do Sul. E em especial a de Bento Manoel Ribeiro, o maior general da Revolução Farroupilha.General que foi defendido da condenação popular injusta pelo grande brasileiro Osvaldo Aranha, cujos seus argumentos reproduzimos ao sintetizar biografia de Bento Manuel em meu **O Exército Farrapo e os seus chefes** v.1**,**as p.124,125 com apoio em seu artigo A Revolução de 35 e a Unidade Nacional , na **Revista Província de São Pedro** nº 5, as p 10/12. Razões de defesa que poderão melhor serem apreciadas em nosso livro em pareceria com Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada-Brigada Charrua,** sediada em Uruguaiana.

E a injustiça contra ele e contra Canabarro de traição aos seus soldados negros se repetiu na fita de Vídeo **A Ferro e Fogo – a Saga das guerras e revoluções do Rio Grande do Sul,** na interpretação de um professor universitário gaúcho afro-descendente, com o qual procuramos dialogar sem sucesso. E no memorial do Rio Grande do Sul, na antiga Agência de Correios de Porto Alegre lá se encontra exposta como verdadeira uma cópia da carta forjicada, realizando o seu grande papel manipulador da Verdade histórica, na cabeça desavisada dos visitantes .Carta que foi incluída com dúvidas na obra **Ofícios do Barão de Caxias na Revolução Farroupilha,** editado pelo Exército. Ofício cujo teor e estilo contrastam com os dos outros ofícios .

Estes desencontros históricos dão razão a as estas palavras inscritas num painel no Museu da República, próximo do quarto onde o presidente Getulio Vargas decidiu o seu fim:

"Ser o passado comparável a uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da História. Esta fruto da razão e da análise isenta da fontes históricas autênticas, fidedignas e integras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um rio cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e inseguras e por vezes com perigosos alagamentos. Este é o rio do Mito. E este fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância, das vinganças, da calúnia, das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça etc"

Esta injustiça conquistou foros de verdade dentro do principio:

"De que uma mentira de tanto ser repetida transforma-se em verdade."

E isto me faz lembrar a calúnia como um saco de penas jogados ao vento que será impossível juntá-las todas È lamentável as consequências por mascarar e confundir nos gaúchos a real identidade e perspectiva histórica .do Rio Grande do Sul que aos poucos vai deixando de ser

"*O recanto da Tradição e Querência amada."*

Isto em razão das vitoriosas manipulações de sua verdadeira História e Tradições. É lamentável!

A seguir nosso trabalho que não foi acolhido por um jornal gaúcho, que não menciono, negando-me o direito de resposta ou de contraditório, a falsa tese de traição de Canabarro em Porongos. Isto não é Liberdade de Imprensa!. Apelo que os jornalistas gaúchos orgulhosos de sua relevante função social de bem informar meditem nesta questão e não invadam a função social do historiador e ajudem a evitar que o Rio Grande do Sul se transforme no tocante a sua Memória Histórica, uma nau sem rumo a deriva na tempestade, que não sabe aonde esta, de onde veio e para onde e que vai. Apelo que sabemos inútil mas que tinha de ser feito.

OS SOLDADOS NEGROS FARRAPOS NA SURPRESA DE PORONGOS E NO CONVÊNIO DE PONCHE VERDE

Cláudio Moreira Bento(x)

Em 16 nov 2004, a Mídia no Rio Grande do Sul, através principalmente do jornal **Correio do Povo**, deu amparo, sem

o contraditório, a interpretações históricas "revisionistas" radicais, apresentando Davi Canabarro como traidor dos negros farrapos de Infantaria e Cavalaria, na Surpresa de Porongos. Isto por se deixar surpreender mediante acerto com o Barão de Caxias. Surpresa feita pelo famoso guerrilheiro imperial Chico Pedro ou Moringue e futuro Barão de Jacui:

" Com vistas a matar os índios, mulatos e negros farrapos que poderiam prejudicar o processo de Paz em curso."

Vejam que absurdo histórico criminoso !!!

Henrique Oscar Wiedersphan, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul(IHTRGS) e hoje patrono de cadeira na Academia Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB) em seu livro original e pioneiro, **O Convênio de Ponche Verde**. (Porto Alegre: EST/Sulina/Universidade de Caxias do Sul, 1980), escreveu:

"*A respeito desta surpresa de Porongos há uma série de coincidências que chegariam a atingir Canabarro, ao ponto de que suscitaria séries suspeitas de haver sido o mesmo executado em conluio dele com o Barão de Caxias e até com Antônio Vicente de Fontoura, embora se tenha posteriormente conseguido desfazer tais suspeitas de modo cabal e definitivo*."

E a base da acusação foi um ofício bem forjicado (falsificado) por Chico Pedro, como sendo assinado pelo Barão de Caxias para ele, no qual este lhe ordenava que atacasse Canabarro, pois este não resistiria. conforme combinação entre ambos.

E esta falsidade atribuída a Canabarro fez o efeito esperado entre os farrapos, num quadro de Guerra Psicológica, os quais, em parte passaram a considerá-lo um traidor, até por interesse político escuso e como descarrego ou fuga de responsabilidades, pelo insucesso militar da Revolução que seria colocado assim. na conta de Canabarro,

"Pelos demônios de todas as revoluções,"

Segundo Morivalde Calvet Fagundes, o autor do mais completo livro sobre o Decênio Heróico.

Ou seja perto do fim do fracasso de uma revolução, ocorre a caça de um bode expiatório e no caso em tela foi eleito Canabarro.

E o ofício falsificado, que tantas injustiças provocaram à bravura, a honra e até hoje a memória histórica de Canabarro teve a seguinte origem:

"Chico Pedro em perseguição a Canabarro e acampado no Pequeri, falou ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Barão de Caxias? E ele respondeu: - A letra é boa e talvez eu possa imitar. Então vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois ele é o único que pode sustentar a Revolução. Portanto vamos fingir um ofício assinado por Caxias para min. dizendo que no dia tal eu vá atacar Canabarro e derrotá-lo, visto haver entre o Barão de Caxias e Canabarro e oficiais deste um Convênio ."

Escrito o ofício com a assinatura de Caxias falsificada, Chico Pedro ao passar em Piratini pela casa de Manoel Francisco Barbosa, mostrou-lhe o ofício falsificado. E este, republicano extremado, mordeu a isca. E exaltou-se e copiou o dito ofício e o distribuiu. A intriga planejada fez o efeito desejado que até hoje perdura, sem que sejam analisadas as heróicas vidas de Canabarro e Caxias que negam a capacidade de fazerem tal acordo, bem como os oficiais subordinadas a Canabarro.

Mas, Félix de Azambuja Rangel em seu relato na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 1º e 2º trimestre de 1928, p. 36-47, comprova a armação feita para abalar a confiança dos farrapos em Canabarro, o comandante de seu Exército, pelo seu grande e indiscutível valor militar como mestre consumado da Guerra à gaúcha, como demonstramos em sua biografia em nosso **O Exército farrapo e os seus chefes**.(Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1992,2v),disponível no Google, onde o estudamos junto com as demais lideranças militares farrapas, ao lado dos comandantes imperiais e do Barão de Caxias , o Pacificador em D. Pedrito atual, da Revolução Farroupilha e mais do que isto da Família Brasileira, há 13 anos em luta

fratricida.

Esta histórica controvérsia se presta a dar razões a quem o desejar, de absolver ou condenar Canabarro, partindo de considerar o citado ofício como forjicado ou como verdadeiro .

E documentos forjicados como este tem sido comuns na História do Brasil como As cartas falsas atribuídas ao presidente da República em 1922 e que provocaram a Revolução de 1922. Creio que escrevemos pioneiramente sobre os Lanceiros Negros farrapos interpretando que em Porongos eles salvaram numa reação a todo o custo, com seu sangue, suas vidas e bravuras, a Revolução Farroupilha, impedindo uma rendição incondicional. E assim, deram fôlego à Revolução para que esta conseguisse condições honrosas. Mas outros preferem explorar o episódio como traição aos negros e assim estimular talvez a luta de classes e o baixo astral.

Por falta de apoio na Mídia, que não nos dá oportunidade de resposta ou de um contraditório em busca da verdade para seus desavisados leitores manipulados, abordamos o assunto na Internet, na Mídia Independente e no site GOOGLE, em A surpresa de Porongos, junto com outros autores como Paulo Bento Bandarra e Luiz Ernani Caminha Giorgis que procuraram desfazer esta intriga sem sucesso. Dando assim razão ao historiador Giovanni Mesquita,

"De que os brasileiros em geral tem um prazer mesquinho de falar de nós mesmos."

Quanto aos negros no Convênio de Ponche Verde ou combinação de Ponche Verde há 43 anos da Lei Áurea, deve-se considerar como premissa básica a afirmação de Ortega y Gasset:

"***Eu sou eu e as minhas circunstâncias!! ."***

As circunstâncias na época eram de escravidão, apoiada no ordenamento jurídico da Constituição de 1824.

E que os farrapos lutaram até onde foi possível para assegurar a liberdade dos negros que lutaram em suas forças e ajudaram no campo de batalha a prolongar a Revolução quase 10 anos.

Que Instrução Reservada recebida por Caxias o autorizava a conceder ampla anistia aos farrapos.

Mas no seu artigo 5º ela estabelecia que os escravos que fizeram parte das forças rebeldes serão remetidos a Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará conveniente destino.

E que o Convênio de Ponche Verde estimulava em uma de suas cláusulas .

São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram à Revolta.

Segundo Henrique Oscar Wiedersphan na sua obra citada:

"Canabarro entregou 120 soldados negros farroupilhas que o Barão de Caxias alforriou (libertou) com apoio no Decreto de 19 nov 1938 que prometia liberdade a todos os negros farrapos que desertarem e se apresentarem às autoridades imperiais."

Para Wiedrsphan os lanceiros entregues por Canabarro em Ponche Verde foram incorporados como livres a Cavalaria do Exército no Rio Grande do Sul

Outra versão foi que Caxias os fez embarcar como livres para o Rio de Janeiro com a condição de não mais retornarem ao Rio Grande do Sul.

E que mesmo assim se pretendeu no Legislativo do Império, dar ultima forma a estas alforrias (liberdades) ao chegarem os Lanceiros Negros no Rio de Janeiro, não sendo efetivadas, somente ante o alarde ocorrido no citado Poder Legislativo, de parte de alguns dos mais exaltados da bancada liberal,

Acreditamos que estas questões históricas precisam ser aclaradas de vez pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, tendo como base suas preciosas fontes sobre o tema e mais os livros de seus distintos sócios E isto se impõe para tentar esclarecer por completo esta controvérsia que envolve as honras do Barão de Caxias, de Davi Canabarro, de Chico Pedro, de Vicente da Fontoura da oficialidade farroupilha, os quais não depuseram sobre Porongos e Chico Pedro que poderia ter feito em sua

Memórias não o fez. E sobre esta versão de movimento no Congresso para tornar sem efeito as alforrias , ou de traição dos soldados negros remetidos para o Rio, o ilustre senador gaúcho Paulo Paim, talvez pudesse conseguir que este fato fosse apurado nos excelentes arquivos históricos do Congresso que eu conheci ao lá tirar um Curso de Arquivologia na Câmara Federal em julho de 1972

Tem sido uma controvérsia há **m**ais de 160 anos usada politicamente e na atualidade, até ideologicamente, para alimentar uma luta de classes, baseado num fato que representa uma pretensa talvez mancha negra, a confirmar, no meio duma enorme e bela planície nevada que foi o Decênio Heróico que consiste na mais bela tradição gaúcha comemorada anualmente na Semana Farroupilha e que se projeta na nossa centenária Republica do Brasil . E sabido que o Marechal Deodoro da Fonseca foi Presidente do Rio Grande do Sul e seu comandante das Armas e que de lá saiu, tendo muito conversado com os republicanos Julio de Castilhos e Assis Brasil. Este o pioneiro na abordagem da Revolução como hoje ele é cultuada no Rio Grande do Sul .E no Rio com a assessoria de oficiais gaúchos que levou do Sul fundou o Clube Militar em 1887, forçou a Abolição em 1888, ao se manifestar contra o uso do Exército coma capitão de Mato. .No ano seguinte proclamou a República.

E escrevemos este artigo com a autoridade que penso havermos adquirido como autor dos livros **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul 1625-1975** (Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1976), **O Exército Farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1971, 2 v.), **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos...**.(Brasília:EGGCF,1989) e como biógrafo de Duque de Caxias na obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), e de Davi Canabarro e Cel Teixeira Nunes no citado o **Exército Farrapo e os seu chefes**. E do Cel Teixeira Nunes em nosso **Canguçu reencontro com a História, um exemplo de reconstituição de memória comunitária**, edições de 1983 e 2007.

Por oportuno apelamos a Mídia gaúcha, se isto for

possível, que para reforçar a Democracia Brasileira e consagrar na prática o direito de resposta ou o contraditório, que dêem oportunidade a publicação de opiniões discordantes para que seus usuários formem a opinião correta e não sejam manipulados, por ouvirem só um lado Aliás ouvir os dois lados era uma característica da liderança de Canabarro.

E mais, que historiadores em geral, especialmente os gaúchos se apliquem em detalhar os nomes e destinos nos negros farrapos, com base em documentos que devem existir no Senado atuava com brilho o ilustre senador Paulo Paim que ao nos pareceu endossa a tese de traição, em que pese como historiador havermos fornecidos elementos a um assessor que nos procurou .. E que os rio-grandenses afro descendentes cultuem os feitos do Lanceiros Negros e suas projeções heróicas na construção do Rio Grande do Sul o que levantamos com ênfase em nosso livro **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul.** Livro que foi prefaciado pelo notável deputado negro Carlos Santos que chegou até a governar o gaúchos como seu governador interino e que ali falou representando todos os negros e seus descendentes gaúchos. Homem distintíssimo e glória de uma raça que em cerimônia na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul foi o único a deixar seu lugar e vir nos cumprimentar pela nossa pesquisa premiada em 2º lugar pela citada Assembléia e Associação de Imprensa do RGS pelo nosso trabalho em concurso literário por elas promovido intitulado **O gaúcho fundador da imprensa brasileira** (Hipólito da Costa) publicado em 2005 e lançado no Auditório da Associação de Imprensa do Rio Grande do Sul e comentado pelo jornalista Raul Quevedo, que muito se devotou ao estudo e divulgação da obra de Hipólito da Costa

Enfim que os negros gaúchos e seus descendentes não se liguem nas interpretações ideológicas de baixo astral que dominaram as comemorações de Porongos em 2004, potencializadas por parte da Mídia etc E sim que se liguem as interpretações de alto astral sobre a contribuição do negro e descendentes gaúchos na construção da sociedade do Rio

Grande do Sul e em especial de sua gloriosa história militar onde soldados negros chegaram a ser denominados “Os suíços da América.” E por fim que os comunicadores sociais respeitem a função social do historiador e não tentem os substituir como não desejariam e conseguiram que outros não pertencentes a sua função social roubem este seu papel. Aliás condição que conquistaram com a nossa participação acidental em 1968, ao encaminhar pleito na Radio Mundial no Rio de Janeiro de um grupo de jornalistas. ao Ministro do Trabalho Jarbas Gonçalves Passarinho que o submeteu ao Presidente Arthur Costa e Silva e prontamente o aprovou e com fortes reações de empresas de Mídia . E mais que assegurem o contraditório, dando vez e voz aos historiadores, não os esmagando e os alijando da Mídia e coerente com as afirmações de que "***a História é a mestra da vida a mestra das mestras***" E mais que ***História é verdade e Justiça!*** Do contrario estarão acelerando uma marcha ré de volta a Idade Média, sob um autoritarismo preconceituoso disfarçado com pele de Democracia. Creio que meu apelo não será ouvido e atendido mas o registro para a História, para que alguém um dia o perceba. ***História é Verdade e Justiça***, características fundamentais para preservar a identidade e perspectiva histórica do Rio Grande do Sul e no caso do Brasil, República, para a qual os Lanceiros Negros contribuíram com seu sangue, vidas e privações e humilhações durante a Revolução Farroupilha

Nota O **Jornal Inconfidência** nº 98 dedicado aos 203 anos do Duque de Caxias em trecho de mensagem intitulada A nossos leitores faz o seguinte diagnóstico desta situação de manipulação da História do Brasil que ao que parece se verifica neste caso do Combate de Porongos .

“A História de uma nação é um bem por demais precioso, a ser preservado a todo o custo e cultuada permanentemente. Não podemos permitir que esta Memória, conquistada com o sangue, e o sacrifício de seus heróis, seja profanada e deturpada por interesses ideológicos alienígenas e pela falta de ética de historiadores, políticos e jornalistas enganando seus

***leitores , alunos e ouvintes, quanto aos fatos ocorridos e registrados em documentos oficiais fidedignos,íntegros e autênticos**."*

Situação que aos poucos vai se revertendoE mais o seria se a Mídia fosse em realidade fiel a Liberdade de Imprensa, ou uma rua de duas mãos, assegurando o direito de resposta ou de contraditório.Mario Quintana sobre o qual escrevemos sobre o seu pouco festejado Espírito Militar mencionou: ***Que um erro no bronze é um erro eterno".*** Mas que um dia poderá imortalizar negativamente e ridiculamente a memória de seus idealizadores !!!

O injustiçado Barão de Caxias - O Pacificador da Família Brasileira, em D. Pedrito, em 1º Março 1845, consagrado patrono do Exército, da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e O Patrono da Anistia, nas palavras de um ilustre jornalista e historiador brasileiro e ex-presidente da ABL.

Fontes consultada:.

BENTO, Claudio Moreira. Cel Joaquim Teixeira Nunes, Canguçu reecontro com a História. Resende: ACANDHIS/AHIMTB, 2009. p.250/257. Disponível no Google.

____.Cel Joaquim Teixeira Nunes.A Grande Festas dos Lanceiros. Recife. UFPE, 1971.p. 51/59. Disponível no Google.

____. Um lanceiro republicano farrapo e o Barco Seival. **Diario do Comércio**. Recife, 4 junho 1970.

FRAGOSO, Augusto Tasso Fragoso. Revolução Farroupilha.

Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1939. Classifica o canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes como a maior lança farroupilha.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM AGOSTO DE 2024

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento,Turma Asp Mega Eng AMAN 1955, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho do Tabelião Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, e do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou, como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador, convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, escreveu o artigo **As Guerras Holandesas**, da **História do Exército - perfil militar de um povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980. Academia sobre a qual escreveu 6 livros sobre sua História, disponíveis para baixar em Livros e Plaquetas em História da AMAN no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de diversos artigos, inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 327 obras (Álbuns, livros e plaquetas), disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas no seu site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no seu site. Publicou o livro **Marechal José Pessoa - seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua**

modelar carreira no Exército. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1983. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, bem como **Comendador da Medalha Homens de Honra pela Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura,** além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves-RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia de Equipamento Mecânico uma caminhonete Rural Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária e de igual modo de seu berço natal Canguçu-RS, da AMAN e do Exército. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e nos NPORs de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende**, **com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**, que foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência. E ainda para o Bicentenário da Independência, a

Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2024 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site www.ahimtb.org.br, em Livros e Plaquetas, em Cel Bento e no Google, pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar - não vivi em vão!** Toda a sua obra historiográfica e jornalística está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência. Este ano, com apoio da Fundação Habitacional do Exército, publicará seu livro **Os 80 da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende.**
Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com.

Currículo cultural de Camila Karen Renê

Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br

Camila segundo o Cel Bento:

"Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios.Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da História de 21º GAC e seus ancestrais com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em informações culturais tarefa facilitada pela digitalização dos originais do General Paulo Sergio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”